

COMENTÁRIO BÍBLICO

2º Domingo depois do Natal – Ano C

02jan2022

Jeremias 31, 7-14; Salmo 147, 12-20; Efésios 1,1-6.15-18

S. João 1,1-18

¹No princípio era a Palavra. A Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus.

²Aquele que é a Palavra estava no princípio com Deus.

³Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi criado.

⁴Nele estava a vida, vida que era a luz dos homens.

⁵A luz brilha nas trevas, trevas que a não venceram.

⁶Houve um homem enviado por Deus que se chamava João.

⁷Ele veio para dar testemunho, para dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. ⁸João não era a luz, mas foi enviado para dar testemunho da luz.

⁹Aquele que é a Palavra era a luz verdadeira; Ele ilumina toda a gente ao vir a este mundo.

¹⁰Ele estava no mundo, mundo que foi feito por ele. O mundo não o conheceu. ¹¹Ele veio para o seu próprio povo e o seu povo não o recebeu. ¹²Mas a todos quantos o receberam, aos que creem nele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. ¹³Estes não nasceram de laços de sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas nasceram de Deus.

¹⁴A Palavra fez-se homem e veio habitar no meio de nós, e nós contemplamos a sua glória, como glória do Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade.

¹⁵João deu testemunho dele ao proclamar: «Era deste que eu dizia: Aquele que vem depois de mim é mais importante do que eu, porque já existia antes de mim.»

¹⁶Todos nós participamos da abundância dos seus bens divinos e recebemos continuamente as suas bênçãos. ¹⁷É que a lei foi-nos dada por intermédio de Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.

¹⁸Nunca ninguém viu Deus. Só o Deus único, que está no seio do Pai, o deu a conhecer.

1. O Evangelho de hoje é conhecido por “*Prólogo do Evangelho segundo S. João*”. De forma completamente distinta dos Evangelhos Sinóticos (S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas), o de S. João inicia-se com o que parece um hino porventura em vigor na Igreja do primeiro século da nossa era. Tem um ritmo próprio e resume o que vai tratar-se na narrativa que se lhe segue. O centro do Evangelho é Jesus Cristo. Começa por chamar-Lhe a “*Palavra*” que era no “*princípio*”, que incarnou (fez-se pessoa humana) e tornou-se a “*imagem*” de Deus entre os homens. Isto é, Deus, a transcendência, em Jesus, humanizou-se, fez-se presente, visível e tangível num ser humano. Assim nos ‘fala’ o último versículo do Prólogo: “*Nunca ninguém viu Deus. Só o Deus único, que está no seio do Pai, o deu a conhecer.*”

Em suma, só em Jesus, na Sua forma de vida, nos Seus gestos, nas Suas palavras é que aprendemos o que podemos saber sobre Deus, e como podemos encontrar Deus.

2. Por isso, naquele Prólogo se afirma com simplicidade e clareza que em Jesus estava a vida, a luz, a verdade, o necessário para que conhecer a Deus. Mais enfaticamente, a revelação, até

então decorrente da Lei mosaica, veio aos homens por Cristo: *“a lei foi-nos dada por intermédio de Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.”* E se há alguma coisa que Jesus, na Sua verdade, nos ensinou também, com simplicidade e clareza, foi que a *“Palavra”* não é só discurso, passa fundamentalmente pela relação. Assim como um falar ‘para’ e um dizer ‘com’. Por isso, o Seu mandamento: *“amai-vos uns aos outros como eu vos amei”* (S. João 15, 12 e 17). E só se pode amar na relação de uns com os outros. Só em tal relação presencial (não apenas a ‘digital’ e a escrita) em que os olhares se cruzam, os abraços aproximam, os beijos acarinham, o perdão surge, a palavra e o gesto sinceros ocorrem, a ajuda e a dádiva acontecem, a alegria se transmite, o sofrimento se apazigua, numa palavra, o contexto da vida humana onde refulgem a luz, a verdade e a vida de Jesus. E, assim, como na experiência de vida dos primeiros cristãos, se descobre Deus. Porque *“Deus é amor”* (I João 4, 11-16).

3. Tudo isto para ter em conta nos desejos para o Novo Ano. O “novo” é algo que nos atrai e que nos influencia de modo extraordinário. Até a Bíblia o refere na visão de *um novo céu e uma nova terra* no Livro do Apocalipse, em que se ouvem as palavras atribuídas a Jesus: *“eis que faço novas todas as coisas”* (Apocalipse 21, 5). Realmente no cerne do cristianismo está a esperança. É a ‘espera’, quando assumida na dinâmica da sua condição, que nos arrebita e nos distingue daqueles para quem a festa é passageira, ‘coisa’ do presente. Sabemos que Jesus veio para fazer tudo novo, para trazer uma nova visão ao ser humano, um novo projeto para a sua vida.

Então, ao entrar num Novo Ano importa que nos questionemos se queremos mesmo que o que agora iniciamos seja mesmo “novo”. Para os que sofreram em 2021 certamente que o desejo é que o ano de 2022 seja diferente, para melhor. É compreensivo. Mas, para os que estiveram ‘bem’ o desejo é o da continuidade. Afinal, todos queremos ser felizes, ter saúde e que tudo nos corra bem. Porém, precisamos de um espírito crítico para analisar a realidade de que somos parte. A vida depende de um manancial de circunstâncias que acontecem à revelia da nossa vontade e, por isso, muitas vezes nos surpreendemos com o que nos calha, com o que temos de enfrentar na sua roda. Como exemplo, tenhamos em conta o que tem acontecido com tanta gente desde o aparecimento da pandemia do COVID.

Se estamos conscientes de que *em Deus “vivemos, nos movemos e existimos”*, como diziam os antigos (Atos 17, 28), então, entremos em 2022 com a confiança de que, o que quer que aconteça, Jesus, o nosso amigo e Salvador, se fará presente no nosso coração com a Sua esperança (S.H. 426):

Uma âncora temos,	É a linda esperança
Que a força do mar,	Que outorga Jesus,
Por muito que ruja,	Legada na morte
Não pode quebrar.	De angústia na cruz.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana